

LIVRO RESENHADO:
CARVALHO, BERNARDO. SIMPATIA PELO DEMÔNIO. SÃO PAULO:
COMPANHIA DA LETRAS, 2016.

A BARBÁRIE CONTEMPORÂNEA: UMA FÁBULA DA CIVILIZAÇÃO

Erick Bernardes
Mestrando em Estudos Literários - (PPLIN-FFP\UERJ)
ergalharti@hotmail.com

O romance, *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho (2016) é uma narrativa em terceira pessoa, cujo enredo gira em torno de Rato, um agente humanitário locado em Nova Iorque e de personalidade contraditória. Ao beirar os seus cinquenta e cinco anos de idade, sendo considerado um *Coach* reconhecido internacionalmente, e autor do célebre *Tratado sobre a violência*, esse conceituado ativista humanitário viaja o mundo ministrando palestras sobre temáticas de conflitos étnico-religiosos. No entanto, após alguns reveses da vida, o protagonista, marido e pai de família, aparentemente exemplar, vê a sua vida pessoal e profissional subitamente desmoronar.

A trama possui dois fios condutores estruturais: uma linha diegética que conduzirá o leitor à vida amorosa de Rato, munindo a malha textual de peculiaridades típicas de uma história cotidiana acerca de um indivíduo em suas crises conjugais, e outra, que incide sobre a vida pública desse protagonista anti-herói. Esta estrutura amplia a percepção do leitor sobre assuntos polêmicos e provocadores, tais como: radicalismos religiosos, a relação político-econômica proveniente dos conflitos armados e assuntos globais de conspiração política.

Ao discorrer sobre a aventura (ou seria desventura?) de Rato, quando este tenta cumprir a missão de pagar o resgate por alguém incógnito ao grupo radical terrorista, o narrador não hesita em pontuar a diegese com explicações críticas, muito próximas das reflexões acerca da civilização e da barbárie extraídas do pensamento de Theodor Adorno e Walter Benjamin, referidos pela própria voz narrativa. Conforme:

O homem almeja a paz quando já não aguenta lutar ou enquanto dura a memória do horror, que costuma ser curta e caracteriza a fase gloriosa dos processos civilizatórios fadados a terminar em guerra. Basta dar tempo ao tempo para que, recuperadas as forças, o entusiasmo se transforme em rancor, o homem se esqueça do que passou e se prepare novamente para o ataque exigido pelas circunstâncias de sempre, mas que ele verá como novas e inesperadas. (CARVALHO, 2016, p. 30)

Desse modo, notamos que o horror transformado em espetáculo revela-se elemento preponderante na configuração da trama de *Simpatia pelo demônio* (2016), evidenciado por um impasse ético criado pelo protagonista, quando este carrega consigo “adereços” de guerra, provenientes dos lugares dominados pela violência pelos quais passou. Essas atitudes contribuíram, em parte, para o começo do declínio da sua carreira, porque aqueles “espólios” transformados em *souvenirs*, oriundos dos países em batalha, e que são ostentados pelo personagem central, revelaram-se talismãs da queda demoníaca de quem outrora fora símbolo do “bom” serviço humanitário. Soma-se a isso, o escândalo sexual resultante da armadilha engendrada por um mexicano chamado chiuaua (ex-amante e algoz do Rato) e o personagem denominado Palhaço. O que fez com que a relação homossexual, entre o portador da alcunha canina e o agente humanitário, reverberasse na mídia mundial como um suposto estupro com motivações homofóbicas, decorrente de uma farsa inventada pelo neurocientista mexicano, no intuito de difamar o agente humanitário.

Do céu ao inferno e, sem muitas delongas, de figura conhecida, ora simpática ora desacreditada pela própria agência na qual o personagem trabalhava, o que nos salta aos

olhos no texto de Bernardo Carvalho é um sujeito em crise sob múltiplas relações, sejam elas íntimas ou públicas, intrínsecas ou extrínsecas ao próprio protagonista. De acordo com Marilena Chauí, parafraseando Walter Benjamin, a barbárie “não está no exterior, mas é interno ao movimento de criação e transmissão da cultura” abordados em *Simpatia pelo demônio*, pois, para nós, o enredo em questão contemplaria um problema sociopolítico: “o cortejo triunfal dos vencedores pisoteando os corpos dos vencidos e (que) conhece o preço de infâmia de cada monumento da civilização” (CHAUÍ, 2013, s/p), a cultura dominante (o ocidente) em vias de aniquilamento do outro (o oriente).

Vale ressaltar, que esta receita narrativa de conflitos bélicos entre civis não é nova, as circunstâncias romanescas é que são outras, pois Bernardo Carvalho já havia se utilizado da fórmula de relacionar um panorama global de peripécias amorosas e familiares entre os seus personagens, construído sobre o pano de fundo de guerras étnicas e religiosas. Em outras palavras, se em *O filho da mãe* (romance publicado em 2009) a diegese evidenciava o trânsito de personagens por países como Brasil, Guiana-francesa, Suriname, Rússia e Chechênia, atrelados ao tema da violência, agora o cenário da ação em *Simpatia pelo demônio* - embora inclua anisocronias pontuados por cidades como São Paulo, Nova Iorque, Berlim - permite ao autor se valer do ingrediente psicológico, semelhante aos modos analíticos da escola freudiana na construção do perfil dos seus personagens. Ademais, assim como fizera em *Reprodução* (2013), entre uma ou outra referência de *Twitter* ou *Skype*, o tema da crise existencial também é explorado pertinentemente neste seu último romance.

No entanto, de maneira distinta dos seus livros anteriores, em *Simpatia pelo demônio* (2016), é a caracterização da estrutura “aventuresca” que abre espaço para os moldes caricaturais na criação dos seus personagens.

Em entrevista concedida por Bernardo Carvalho a Camila Von Holdefer (2016), vemos declaradamente o tom fabular incidir sobre os apelidos dados aos personagens:

Em *Simpatia pelo demônio*, eu tentei dar um sentido de fábula à primeira parte, que é escrita à maneira de um romance de aventuras, de ação, num ambiente de guerra. Os nomes dos personagens principais também remetem à fábula (HOLDEFER, 2016, s/p).

Dessa forma, se por um lado, a alcunha do protagonista Rato denota mobilidade, por atravessar zonas perigosas e vias escusas, por outro lado, seu ex-amante e algoz, chiuaua (nota-se que a letra inicial da raça canina é minúscula) se nos apresenta como uma referência depreciativa, tal qual um sujeito mimado e egocêntrico, e que preferia ser chamado de “raposinha” na intimidade. Além da figura do Palhaço, personagem cujas atitudes na trama se afiguram a própria antítese semântica de um personagem circense: em vez de alegria, vemos a melancolia e o sadismo desvelar-se, sobretudo, durante uma inesperada conversa com o protagonista no avião.

Assim, somado ao aspecto caricatural dos personagens e da estrutura fabular da trama, podemos afirmar que para além do teor psicológico que lhe é peculiar, este último romance de Bernardo Carvalho transita pela ludicidade das pequenas ações cotidianas, quando, por exemplo, o “Palhaço o levava (o chiuaua) para passear, fazia todas as suas vontades e o deixava brincar livremente” (2016, p. 123). Esse personagem caricatural, terceiro elemento nuclear na relação amorosa, mestre da comicidade, não hesitava em tratá-lo “como um cãozinho de estimação pulando nas pernas de estranhos e cheirando o rabo de outros cães, até que se aborrecia (...) e o arrastava de volta para casa, na coleira” (CARVALHO, 2016, p.123). De acordo com Camila Holdefer:

Apesar da densidade do protagonista e de seu amante, o próprio Bernardo Carvalho ressalta, na entrevista concedida ao *Livros abertos*, que chamar os personagens de Rato e chihuahua reforça o tom de fábula da narrativa. Qual é a moral, se há alguma? O amor como tábua de salvação para romper com o “percurso miserável de um indivíduo do nascimento à morte”? É apenas uma das

muitas ressonâncias de um dos livros mais brilhantes do ano. (HOLDEFER, 2016, s/p)

Portanto, entre um aspecto ou outro da barbárie em nossa civilização, e o artifício fabular narrativo de um inusitado triângulo amoroso, o recurso de construção textual se assemelha ao teatro do absurdo, ora com problemas hiperbólicos como a guerra entre civis e o sequestro internacional baseado em conspirações terroristas, ora como uma história de amor e perversão. Enfim, entre um homem-bomba e o sequestro planejado por radicais religiosos, conjugado ao enredo amoroso de três personagens que beiram a “comédia pastelão”, a obra *Simpatia pelo demônio* (2016) se nos apresenta como uma provocação, ou melhor, uma reflexão acerca da civilização no auge da modernidade considerada globalizada.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Simpatia pelo demônio*. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

Portal livros abertos USP. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.com.br>> Acesso em: 14 nov. 2016.

CHAUÍ. Marilena. “Walter Benjamin comentado por Marilena Chauí”. In: *Portal a casa de vidro*. Disponível em: <<https://acasadevidro.com/2013/08/23/walter-benjamin-comentado-por-marilena-chauí>> Acesso em: 14 nov. 2016.

**Recebido em de 21 de fevereiro de 2017.
Aceite em 18 de junho 2017.**

Como citar esta resenha:

BERNARDES, Erick. *Simpatia pelo Demônio*. De Bernardo Carvalho. Rio de Janeiro, *Palimpsesto*, n. 24, p.177-181, jan.-jun. 2017. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num24/resenhas/Palimpsesto24resenha01.pdf>>. Acesso em: dd mmm. Aaaa. INSS: 1809-3507